

Memórias de Paz e de Guerras em *The Gift (O Dom)* de H.D. (Hilda Doolittle)¹

*Michael A. Soubbotnik*¹

¹Université Paris-Est (UPEM) – LISAA EA4120
michael.a.soubbotnik@gmail.com

1. Vozes e tempos

Em 1941, 1943 e 1944, escrevendo principalmente durante três períodos de bombardeamentos intensos sobre Londres, onde ela morava, a poeta H.D. compôs uma volumosa narrativa em prosa intitulada *The Gift* (H.D. 1943-44/1998)² (O Dom)³

Falamos aqui de “narrativa em prosa” para deixar não resolvida a questão do gênero desse texto em forma de autobiografia sem “pacto autobiográfico” (LEJEUNE 1980), misturando o fantasma, a realidade histórica, a ficção, o delírio. H.D. caracteriza sua obra como “uma ponte lançada entre a vida da infância, a memória da pacífica Bethlehem, e a orgia de destruição [...] vivenciada ulteriormente em Londres” (H.D.1949/1986, p. 192⁴)

The Gift superpõe várias vozes, temporalidades e camadas narrativas entre as quais a autora concede efeitos de transparência, de surgimento ou de colapso, de modo que as várias vozes e os vários tempos históricos comunicam entre si. Essa estrutura aparece desde a dedicatória à mãe, Helen:

**PARA
HELEN
que me
levou de volta pra casa**

**para Bethlehem Pennsylvania 1741
de Chelsea Londres 1941**

A amizade ultrapassa até o túmulo

Chamaremos de “domínios referenciais” da narrativa, os domínios nos quais se pode dizer que os referentes do texto “existem”. Por exemplo, Eccles Street n° 7, enquanto prédio real existe na Dublin real; mas, enquanto domicílio de Leopold e Molly Bloom, existe somente no domínio referencial fictício do romance *Ulysses* de James Joyce. A narrativa em *The Gift* estende-se sobre domínios de vários tipos: real, imaginário, histórico, biográfico, documentário, fantasmático, etc. cujas relações desenham uma forma de “topologia” onde o leitor passa de um ao outro, seguindo por assim dizer a mesma superfície narrativa. Assim, tal como as instâncias narrativas e as temporalidades, os domínios referenciais se interpenetram: as suas fronteiras se tornam frouxas, as suas hierarquias sempre podem inverter-se.

Pode-se apontar, porém, seis camadas temporais intercaladas, não apenas na ordem não linear dos capítulos que vão e vem no tempo, mas também muitas vezes dentro do mesmo parágrafo e até, como veremos, da mesma frase.

Uma primeira camada temporal se situa em 1943: o presente no apartamento de Londres onde Hilda (H.D.) escreve e, em particular, escreve que está escrevendo durante um dos bombardeamentos mais letais de toda a guerra sobre a capital inglesa. Essa escrita leva-a de volta a sua infância em Pennsylvania, primeiro a Bethlehem onde nasceu em 1886 e depois nos arredores de Philadelphia a partir de 1895, sendo isso uma segunda camada. Intercala-se, em uma terceira camada, um episódio ficcional da juventude da Helen da dedicatória, a mãe de Hilda, no fim dos anos 1870, antes do casamento. Uma espécie de fenda na segunda camada temporal abre sobre uma quarta quando, na casa da família Doolittle provavelmente no ano 1896, um diálogo, ficcional, relata, sob a forma dum delírio inspirado e duma visão, um episódio que data do primeiro breve casamento da avó materna (“Mamalie”) entre 1840 e 1842; por sua vez, este episódio dá acesso a uma quinta camada temporal: a história da comunidade da Irmandade Morávia na Pennsylvania, entre 1741 e 1763, e das relações dos Irmãos Morávios com as tribos índias, antes e durante a *French and Indian War* (Guerra Franco-Indígena)⁵. É preciso enfim considerar uma última camada temporal, aquela das “Notas” redigidas em 1944. Essas “Notas” que constituem o oitavo capítulo da obra são na maior parte genealógicas e históricas. Usam a rica historiografia morávia e são acompanhadas de referências e de citações, quase sempre relativas ao período da história morávia que vai da fundação de Bethlehem em 1741 até a Guerra Franco-Indígena de 1754-1763.

Na maior parte da obra, a narradora usa a sua própria voz de menina (“a Menina”, ou “Hilda”, ou “a Menina Hilda” nas “Notas”). Em alguns momentos cruciais, porém, onde todas as camadas passadas da história individual e coletiva parecem surgir no presente do bombardeamento de 43 para dar sentido ao insensato, fala a narradora adulta. Destaque-se o capítulo II intitulado “A vidente”, de instância narrativa heterodiegética, mas inteiramente focado sobre “Miss Helen”⁶ (“Mama “em todos os demais capítulos). Nas “Notas”, a autora apresenta-se como tale o texto como “acabado” (ela está então na posição de *editor*); parece adotar o ponto de vista do narrador onisciente, mas isso é apenas uma aparência. O jogo entre o saber exposto nas notas e o “não saber” relativo da “Menina” que sustenta a maior parte da narrativa é bem mais complexo.

2. Fogo

Uma multiplicidade de indicações e de explicações fornecidas à Menina Hilda, como também as “Notas”, compõem o pano de fundo histórico da comunidade à qual H.D. pertencia pelo lado da família materna. Os Irmãos Morávios ou *Unitas Fratrum* são oriundos⁷ da reforma de Jan Hus, o líder religioso tcheco queimado em Constançano ano 1415. Um século mais tarde, integrada ao movimento da Reforma luterana, a Igreja Hussita tornou dominante em Bohemia-Morávia e em parte da Polônia. Ao fim da Guerra de Trinta Anos (1618-1648) a Igreja Hussita, derrotada e perseguida, foi dispersa. Em 1721, uma pequena comunidade morávia encontrou um refúgio em Herrenhuetten nas terras de um jovem nobre saxão, luterano e pietista fervente, Nikolaus Ludwig, conde Zinzendorf. Sob a liderança do conde, a *Unitas fratrum* (antigo nome dos hussitas) renasceu e espalhou-se em terras luteranas alemãs, na Escócia e na Inglaterra. Além de uma forma de piedade e duma invenção cultural consideradas “heréticas”, não apenas pelos luteranos ortodoxos, mas também por seus sucessores morávios, Zinzendorf era motivado por um zelo missionário e pacifista raramente encontrado no luteranismo da época⁸. Os morávios fundaram comunidades nas Caraíbas, na África, na Groenlândia e nas colônias inglesas da América do Norte. Zinzendorf comprou terras na Pennsylvania, levando um grupo importante de imigrantes, principalmente alemães e escoceses. No dia 24 de dezembro 1741, à beira do rio Lehigh, fundaram a comunidade de Bethlehem, para constituir a base duma evangelização pacífica das tribos índias. A guerra franco-inglesa e as alianças contratadas por cada adversário com tribos índias pôs fim ao empreendimento. Na noite do 24 de novembro de 1755, a pequena comunidade mista branca e índia de *Gnadenhuetten* (o nome significa “habitações da graça”) foi atacada e massacrada por índios aliados aos franceses. A maior parte dos membros da comunidade, homens, mulheres e crianças morreram queimados vivos no sótão da “casa comum” onde se refugiaram, os assaltantes atirando naqueles que tentavam escapar as chamas.

Gnadenhuetten é um primeiro evento que faz comunicar os vários estratos narrativos, sendo este mencionado explicitamente ou metaforicamente através do motivo do fogo desde as primeiras linhas da obra:

Uma garota morrera queimada viva no Seminário, como se chamava a antiga escola cujo Principal era nosso avô. (35)

Aprendemos, dois parágrafos adiante, que a crinolina da menina pegara fogo numa vela da árvore de Natal num dia 24 de dezembro. No texto original a frase começa no pretérito, continua no mais-que-perfeito e acaba *no presente*:

[A] garota de crinolina [...] *era* apenas uma das garotas do Seminário na época de Papalie [apelido no avô], *gritara*, Papalie *acorrera*, Papalie *jogara* um cobertor nela, mas ela grita, e não conseguem tirar o vestido dela por causa da armação. (35)

Na verdade, essa cena não passa de um fantasma da narradora Hilda, baseado em uma falsa memória de infância da mãe, Helen, recém-nascida na época desse drama bem real contado pela avó Mamalie. Da realidade à narrativa, da falsa memória ao fantasma, algo dessa cena transmite-se (pelas mulheres) e reaparece sob várias formas em todos os capítulos da obra, até que, na narrativa do grande bombardeamento de 1943 na qual H.D. se descreve escrevendo o próprio livro que estamos lendo, a abrupta mudança de tempo dos verbos do primeiro capítulo encontra, enfim, a sua razão de ser:

Eu imaginava os piores horrores, me vendo despencando, impotente, no desabamento das paredes de tijolos, presa sob uma viga enorme. Muitos estiveram. Eu seria queimada viva. Não parava de pensar na menina de crinolina, a civilização inteira tornara-se para mim uma árvore de Natal em chamas. (215)

No caminho que vai do capítulo inicial à narrativa do bombardeamento, a imagem do corpo queimado vivo levou ao texto o evento histórico de *Gnadenhuetten*. Este último, porém, está sempre acompanhado de um evento anterior, de estatuto histórico bem mais problemático, que também é designado por seu lugar: *Wunden Eiland* (a Ilha das Chagas).

3. O Segredo

Wunden Eiland aparece no capítulo intitulado “O Segredo”. É uma noite de verão. A família instalou-se no jardim para ver as estrelas cadentes. Só ficaram dentro da casa Mamalie, que está com febre, e a menina Hilda, que está acompanhando a sua avó e se deitou na cama dela:

Eu sou a enfermeira de Mamalie que está muito doente e que pegou um tipo de febre, talvez uma febre cerebral, dizem. (174)

Hilda tenta também acalmar o seu medo de uma estrela cadente cair sobre a casa e queimar tudo mundo:

Talvez eu estivesse simplesmente sonhando, porque eu tinha medo de uma estrela cadente atravessar ou céu a toda velocidade e cair na casa e de nos sermos queimados vivos. Talvez porque eu tivesse medo de ser queimada viva, fiz com que Mamalie dissesse no sonho que ela tinha medo não apenas de ser queimada viva – apesar dela ter tido medo – mas, ainda mais, de que documentos fossem perdidos. Os documentos foram perdidos. (176)

Em uma mistura de delírio e de visão, Mamalie transmite a sua neta um “segredo” contido em um pergaminho cifrado, descoberto por ela e o seu primeiro marido uns cinquenta anos antes, numa pilha de antigos documentos da Igreja Morávia. Graças a um misterioso “dom” musical que ela não sabia possuir, Mamalie decifrara o código baseado em elementos de partituras de hinos morávios e de transcrições das linhas melódicas duma língua índia. Depois, ela tinha esquecido tudo. Agora, Mamalie rememora-se de pedaços do segredo. Numa ilhazinha chamada *Wunden Eiland*, situada no meio de um braço secundário do rio, agora seco, um pacto teria sido concluído entre um “círculo” de morávios e um “círculo” *demedicine men* índios sob o comando do Grande Feiticeiro Estrela Cadente e do Chefe de Guerra Paxnous. Durante essa cerimônia, um misterioso pacto de unidade espiritual teria sido concluído. Esse pacto teria sido considerado escandaloso pelas autoridades morávias ortodoxas que teriam conseguido apagá-lo da memória da comunidade. O pergaminho da Mamalie era o único rastro dele:

“Os documentos eram a cópia de um original que fora queimado depois do escândalo”.
“Queimado depois do escândalo”, repetiu, “queimado”. Olha as velas, depois olha atrás da sua escrivania se alguém está ali, mas não tem ninguém e ela disse com uma voz completamente diferente: “até que a Promessa seja remida e o Dom restaurado”. (160)

Notamos mais uma vez nos verbos a mudança constante entre passado e presente. Na sua visão ou seu delírio, Mamalie relaciona diretamente a chacina de *Gnadenhuetten* ao descumprimento da promessa e prediz em seguida as orgias guerreiras futuras.

O estatuto histórico dessa cerimônia de *Wunden Eiland* é complexo⁹. Algumas das maiores intérpretes da poesia americana do século 20, a começar por Rachel Blau DuPlessis e Adalaide Morris, pensaram que a ausência de fontes sobre o evento evidência “um momento escondido e politicamente reprimido da história americana”¹⁰. Tal sofisma militante e um pouco “complotista” que acha que o “segredo” é real, perde o que a *ficção* da *visão* de um segredo tenta transmitir através, por assim dizer, de um equivalente literário da prática historiográfica da Ucrânia. No entanto, a incerteza da menina Hilda é bastante clara:

Tudo isso, talvez não passava de sombras na cabeça de Mamalie, talvez nunca tivesse havido pergaminho algum, talvez nunca tivesse havido um encontro em *Wunden Eiland*, talvez nunca tivesse existido uma *Wunden Eiland*. (172)

O lugar, porém, não é imaginário. Teve, sim, uma *Wunden Eiland* ou *Isle of Wounds* (Ilha das Chagas) cujo nome remete ao fascínio produzido pelas chagas do Cristo em Zinzendorf e seus discípulos. *Wunden Eiland*, escreve H.D. nas “Notas”, é “uma ilha que existiu verdadeiramente e que as cheias de primavera arrastaram depois, real—e simbolicamente” (H.D. 1949/1986, p. 189)

O bispo morávio Joseph Levering, autor da monumental história de Bethlehem que foi a fonte principal de H.D., indica a existência duma ilhota “de pouca importância” no rio Monocacy, chamada “*Wunden Eiland*” onde os primeiros colonos morávios construíram um pavilhão em 1746 para abrigar reuniões do clero e encontros com os índios:

No mês de maio 1746, edificaram uma nova e pequena estrutura perto do lugar onde tiveram construído as casinhas de *Friedenshuetten*. Apesar de ser de pouca importância, ela apresenta um interesse topográfico retrospectivo. Tratava-se do pavilhão em *Wunden Eiland*. A ilha era situada no rio *Monocacy*, ao limite do atual parque atrás do edifício do Seminário das Moças. A ilha consta nos mapas mais antigas da localidade e hoje em dia, uma depressão no terreno revela o lugar onde passava o braço interior do rio²

Será que o evento narrado em *The Gift* tivesse sido um desses encontros? Coloca-se aqui a questão das datas. Usando apenas a dedicatória como argumento, Adalaide Morris afirma que *Wunden Eiland* acontecera em 1741, o ano da fundação de *Bethlehem*³. Supondo a realidade histórica do evento contado por Mamalie, como faz Adalaide Morris, tal datação é impossível: o ponto culminante da cerimônia revelada por Mamalie é o dom mútuo dos nomes entre a baronesa livônia Anna von Pahlen, esposa do bispo John Christopher Frederick Cammerhof, e a esposa do chefe Paxnous, Estrela da Manhã. Essa troca de nomes percorre uma grande parte da revelação de Mamalie a sua neta:

Estavam juntos, esses poucos e Anna von Pahlen e outros cujos nomes constavam na lista, e tinha uma lista de nomes índios. Havia algo importante nessa troca de nomes, pois os índios do círculo interior acreditavam que o nome duma pessoa fosse dum certa forma uma parte dessa pessoa, como uma sombra ou um fantasma, e Anna von Pahlen tinha que tomar o nome da mulher de Paxnous, Estrela da Manhã na nossa língua, mas o nome em língua índia estava escrito com as notas de música para que soubéssemos como soava. (163)

Mais adiante, a narrativa torna-se mais precisa:

Estrela da Manhã era uma princesa índia, esposa de Paxnous, que os Morávios batizaram. Parece que foi realmente batizada, enquanto Paxnous não foi batizado, mas os índios iniciaram Anna von Pahlen nos mistérios deles em troca de Estrela da Manhã; quero dizer que nos mistérios deles, Anna era Estrela da Manhã e que Estrela da Manhã (que tinha um outro nome índio ordinário, tipo Nuvem Branca ou Erva Cheirosa) era Angélica, um outro nome de Anna von Pahlen, que era na realidade a Senhora John Christopher Frederick Cammerhof, mas eu gosto de pensar nela como Anna von Pahlen. (171).

²LEVERING1903, p. 192-193

³MORRIS1986, p. 233

Ora, Anna e seu marido só chegaram na América no ano 1747, John Christopher Frederick morrendo de exaustão em 1751⁴. Na narrativa de Mamalie, Cammerhof organiza a cerimônia do lado morávio. Portanto, uma *Wunden Eiland* real só poderia ter acontecido entre 1747 e 1751¹¹.

Isso, porém, não resolve o problema. Se a presença necessária de Anna von Pahlen convida a essa datação, aquela igualmente necessária da esposa¹² do chefe Paxnous a impede. A conversão, historicamente comprovada, da esposa de Paxnous¹³ ocorreu no dia 17 de fevereiro de 1755. Ora, o encontro presenciado por Cammerhof não pode ter acontecido nesse dia, já que o bispo falecera em 1751:

Não sabia que Mamalie era música, nunca me dissera que tocava a espinetae depois da morte de Henry (Christian) Seidel [*o primeiro marido dela*], ela guardara os documentos e as notas sobre os quais trabalhara. Ele morrera aos 26 anos, perpetuando de certa forma a lenda de Camerhoff falecido aos 29 anos de exaustão, como os próprios Anciãos diziam, e de seu zelo no cumprimento de seu encargo, apesar de ter sido uma mancha sobre a Igreja, diziam, devida as suas exigências e extravagâncias, a seu fanatismo e a sua Liturgia das Chagas, praticada em *Wunden Eiland* com um pequeno grupo de devotos. Era por isso que a ilha se chamava *Wunden Eiland* e foi lá que Paxnous ou Paxinosa, o famoso chefe Shawanese, prometeu a alma da sua esposa Estrela da Manhã à Irmandade. Quando tiramos o texto *Dar-lhes-ei a Estrela da Manhã* os *medicine-men* índios que falavam uma mistura de inglês, de língua índia de um pouco de alemã com os Morávios, gritaram juntos *Heil* ou *Haile* depois *Kehelle*. (167)

Não estamos mais na sucessão, mas na contemporaneidade dos eventos, isto é, na irrupção na e pela escrita de um tempo histórico no meio de um outro. Pois, Levering relata que:

entre os índios [*amigáveis*] que vieram várias vezes a *Bethlehem* nos primeiros meses de 1755, havia o famoso chefe Shawanese Paxnous [...]. Ele ficou sendo um amigo fiel dos missionários morávios, cumprindo escrupulosamente todas as promessas que lhes tinha feito [...]. No dia 17 de fevereiro daquele ano [1755], quando sua esposa, com que convivera na fidelidade durante trinta e oito anos [...] foi batizada em *Bethlehem* e que os Irmãos manifestaram a esperança de que ele seguisse o exemplo dela, ele respondeu por um caloroso *Kehelle*!, uma exclamação de aprovação⁵

Uma nota de H.D. refere-se especificamente a essa incoerência cronológica para justificá-la:

Encontramos menção de Paxnous na *History* no ano 1755. A história que a menina e a avó reinvocam pode ter acontecido antes dessa época, desde que Cammerhof é um dos personagens ou atores principais dessa história e que ele morre em 1751, depois ter passado apenas cinco anos na colônia. Contudo, trata-se da história da menina e do *Dom* da avó, e confiaremos então na intuição delas, verificando as referências cada vez que pudermos determinar se as datas delas e as datas históricas coincidem ou não. Seja como for, o bispo Levering menciona efetivamente Paxnous (267)

⁴LEVERING1903, p. 260

⁵LEVERING1903, p. 300.

No capítulo do bombardeamento, enquanto o tema de *Wunden Eiland* com os cantos morávio se índios volta em contraponto ao rugido dos aviões, Cammerhof aparece, como numa visão, apresentando a sua esposa uma cesta contendo papeizinhos trazendo versículos da Bíblia para Anna tirar um na sorte, conforme o antigo costume morávio

Inclina-se sobre nós, canta o grande coro de vozes estranhas que falam com esdrúxulo *staccato*, mas eu sei o que eles dizem, apesar deles falarem em dialeto índio. As duas vozes respondem-se e o som da voz de Anna von Pahlen, lendo o que está escrito na banda de papel que tirou da cesta tecida que Cammerhof acaba de lhe apresentar, é puro e claro como um trompete de prata.

Anna lê: *Dar-lhes-ei a Estrela da Manhã* e o chefe dos sacerdotes índios, é Estrela Cadente que mais tarde será batizado sob o nome de Philippus, responde na sua língua: *Kehelle*, e depois *Hail*, e juntos eles chamam o Grande Espírito e o Bom Espírito que é o Deus da Irmandade e o Deus dos Iniciados. (223)¹⁴

Torna claro que, apesar de *Wunden Eiland* e *Gnadenhuetten* serem inseparáveis, os seus estatutos referenciais respectivos são radicalmente distintos. Assim, domínios referenciais diferentes interpenetram-se. Se, portanto, esses eventos não estão ligados na realidade, pois o primeiro não existiu ou não existiu tal como *The Gift* o conta, a pergunta a ser colocada agora é sobre o que está em jogo nessa dupla escrita da história: historiográfica e fictícia.

4. As chaves da transmissão

Encaixado entre as várias camadas narrativas, o binário de eventos formado por *Wunden Eiland* e *Gnadenhuetten* ordena-se acerca do presente dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. Esse conjunto complexo responde às três chaves do deciframento da história, forjadas por H.D. a partir da sua representação da *Unitas Fratrum* na época de Zinzendorf : a Promessa, o Segredo e o Dom¹⁵.

Cada uma dessas figuras remete a uma transmissão e à ruptura dela. Falar de transmissão, então, é falar das operações, aqui a escrita, que um sujeito, posicionado no percurso do que está sendo transmitido, precisa fazer sobre si mesmo e sobre a sua história, para que a transmissão (a circulação do dom e do “espírito do dom”¹⁶) possa ser retomada.

A Promessa, formulada por Mamalie, é aquela de viver em paz no reconhecimento do fato do Espírito ser comum a todas as religiões. Essa promessa continua pendente, o descumprimento dela manifestando-se pelo fogo e pelas guerras, isto é, por uma repetição mortífera que, na narrativa, identifica *Gnadenhuetten* e Londres bombardeada. Lembremos, porém, a dedicatória de *The Gift*. Vimos que um encontro “historicamente comprovado” em

Wunden Eiland não podia ter acontecido no ano 1741. Ora, os bombardeamentos de Londres de 1941, data do início da escrita do livro, “levam” H.D. a “*Bethlehem*”, fundada nesse ano 1741, como a uma promessa de salvação. Assim, *Bethlehem* é simbolicamente “assimilada” à cerimônia de *Wunden Eiland*¹⁷. *Wunden Eiland* não precisa ter acontecido no momento da fundação de *Bethlehem*, nem ter acontecido a qualquer momento, pois *Bethlehem* era, duma certa forma, a Promessa de *Wunden Eiland*. E o movimento de volta à infância é também um esforço para restaurar, na escrita da história, a Promessa, para exumar, então, esse Segredo da Promessa que é a transmissão do “Dom”:

Tinham feito uma Promessa, mas se não tinham cumprido a Promessa, não era por culpa de Mamalie; como poderia ter sido? Imagino que o Dom era todas essas palavras, todos esses risos, todos esses cantos, sem palavras ou com as palavras, do sussurro das folhas, do barulho da água do rio e dos redemoinhos da neve no vento que parecem que ser o sopro do Espírito. (171)

Podemos agora concluir retrazando o caminho da transmissão, ao refletir sobre a função do esdrúxulo capítulo II que narra, em “focalização interna”¹⁸ a consulta pela jovem Helen Wolle, futura mãe da autora, de uma vidente que lhe predisse que daria à luz uma criança que herdaria um “dom”. Uma vez casada e mãe, Helen, não para de repetir que seus filhos, Hilda e seus dois irmãos, “não são particularmente dotados”. Ora, durante uma conversa com Hilda, Helen revela porque ela nunca canta. Um dia em que, jovem professora de música e de pintura na escola dirigida por seu pai (“Papalie”, o avô de Hilda), ela cantava sozinha numa sala de aula vazia, ela ouviu seu pai gritar “que barulho horrível!” e pensou (talvez erradamente) que o pai estava se queixando de seu canto. Desde então, ela desistira completamente de exercer seu talento de cantora, seguindo assim o exemplo de sua mãe (a “Mamalie” de Hilda) que renunciara a compor música. Segundo Helen, todos os *homens* da família tinham sido “dotados”. Com ela, Helen, o “dom” desaparecera.

No seu capítulo II, H.D. restitua uma voz àquela que desistiu de fazer ouvir a sua e rompeu assim, mais uma vez, a circulação do Dom e a realização dessa outra promessa que é a predição da vidente. Depois dessa restituição na ficção narrativa, Helen pode levar sua filha de volta à casa, à paz do Natal de 1741. Isto é, H.D., no meio do fogo e do terror de 1941 em Londres, pode escrever a ficção onde ela mesma, como menina Hilda, recebe o Segredo transmitido pela avó materna que, em um delírio menos febril que delfico, reencontra o “dom” de composição e de decifração musical que esquecera que tinha. Contando essa história exata e imaginária, tão “verdadeira” quanto a mentira poética pode ser, Mamalie reestabelece a transmissão do dom *pelos mulheres* e proporciona a H.D., em um dos piores momentos da guerra, a possibilidade de inscrever a história e inscrever-se nela enquanto poeta. H.D. pode

assim projetar sobre as ruínas a Promessa desse Espírito que a teologia herética do conde Zinzendorf e do bispo Cammerhof considerava uma potência... feminina.

Bibliografia

BLAU DUPLESSIS Rachel, *Writing Beyond the Ending. Narrative Strategies of Twentieth-Century Women Writers*, Bloomington, Indiana, Indiana University Press, 1985

GAVALER Christopher, "I Mend a Break in Time: An Historical Reconstruction of H.D.'s Wunden Eiland Ceremony in *The Gift* and *Trilogy*", *Sagetrieb*, Vol. 15, N. 1-2, Spring & Fall 1996, p. 95-120

H.D., "H.D. by Delia Alton" (1949), *The Iowa Review*, 16, Fall 1986

H.D., *The Gift* (1941-4), Complete text edited and annotated by Jane Augustine, Gainesville, FL, University Press of Florida, 1998

HELT Brenda S., "Reading History in *The Gift* and *Tribute to Freud*", CHRISTODOULIDES Nephie J. & MACKAY Polina (eds.), *The Cambridge Companion to H.D.*, Cambridge, Cambridge University Press, 2012

LEJEUNE Philippe, *Le pacte autobiographique*, Paris, Éditions du Seuil, 1980

LEVERING Joseph Mortimer, *A History of Bethlehem, Pennsylvania, 1741-1892*, Bethlehem, PA, Times Publishing, 1903

MAUSS Marcel, *Essai sur le Don. Forme et Raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, in *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 1973, p. 145-283

MORRIS Adalaide, "H.D.'s Fortune-Teller", *The Iowa Review*, 16:3, 1986

MORRIS Adalaide, "Autobiography and Prophecy: H.D.'s *The Gift*", in Michael KING (ed.), *H.D. Woman and Poet*, Orono, Maine, National Poetry Foundation, University of Maine at Orono, 1986

¹ Esse texto retoma e desenvolve o essencial do raciocínio numa apresentação no 2º Symposio Internacional Coreia-França, *Écritures de l'histoire II*, organizado na l'EwhaWoman's University, Seúl, prelo Ewha Institute for the Humanities e o LISAA EA 4120, UPEM, nos dias 26 e 27 de outubro 2012.

²Os números entre parênteses nas citações referem a H.D. 1943-4/1998. H.D. é o nome sob o qual a poeta anglo-americana Hilda Doolittle (1886-1961) escreveu a totalidade da sua obra poética e uma parte da sua obra em prosa, usando, não outra parte, vários pseudônimos.

³ A obra foi publicada inteiramente a partir do manuscrito definitivo apenas em 1998, 37 anos depois da morte da poeta.

⁴ Esse texto é um artigo autobiográfico, Delia Alton sendo um dos pseudônimos de H.D.

⁵ A *French and Indian War (1754-1763)*, Guerra Franco-Indígena, é o teatro colonial norte-americano da “Guerra dos Sete Anos” entre a França e a Inglaterra. Cada lado tinha tribos indígenas aliadas. No tratado final, a França, vencida, perdeu o Canadá.

⁶ Em outras palavras, Helen não é a voz narrativa do capítulo mas tudo é contado do seu ponto de vista

⁷ H.D., helenista, gosta de mencionar que a origem mais antiga da *Unitas* remonta à cristianização da Boêmia e da Morávia pelos gregos Kyrillo e Método no século 9, a região sendo ocupada pelos romanos só dois séculos depois.

⁸ Um zelo missionário cujo único equivalente era aquele dos jesuítas. Foi provavelmente uma razão da expulsão dos Irmãos Morávios de Carolina do Norte e do Estado de Nova Iorque. No início da guerra, até foram suspeitos de “colusão papista” com os franceses. Essas suspeitas acabaram depois dos primeiros massacres de morávios por índios aliados aos franceses.

⁹ Em termos de cronologia, apoiamos nossa análise principalmente sobre Joseph Mortimer Levering e Christopher Gavalier. Gavalier, porém, não tinha acesso à edição completa de *The Gift* e ignorava a existência das “Notas”. Pensou, então, que a narrativa de H.D. fosse “errada”. A edição completa permite entender que H.D., de posse dos dados históricos, recompõe conscientemente os vários registros temporais e os vários domínios referenciais. Vj. LEVERING Joseph Mortimer, *A History of Bethlehem, Pennsylvania, 1741-1892*, Bethlehem, PA, Times Publishing, 1903 ;GAVALIER Christopher, “I Mend a Break in Time: An Historical Reconstruction of H.D.’s Wunden Eiland Ceremony in *The Gift and Trilogy*”, *Sagetrieb*, Vol. 15, N. 1-2, Spring & Fall 1996, p. 95-120

¹⁰ BLAU DUPLESSIS 1985, p. 122. Encontramos a mesma estratégia em MORRIS 1986, p. 234

¹¹ *Bethlehem* foi fundada no dia 24 de dezembro de 1741. Uma cerimônia tão importante é muito improvável imediatamente depois da fundação, na ausência de qualquer instalação, mesmo que precária. Vimos que a primeira construção destinada a abrigar reuniões data do ano 1746.

¹² cujo nome a historiografia não menciona. O nome “Estrela da Manhã” é fictício.

¹³ Descrevendo um fragmento do grimório que decifrou, Mamalie menciona uma lista de nomes que contém Anna von Pahlen Cammerhof e a princesa índia (Estrela da Manhã). Um pouco adiante, Hilda menciona a morte de Cammerhof.

¹⁴ Notemos a deslocação dos nomes em relação à fonte: o *Kehelle* de Paxnoux agora é atribuído ao feiticeiro fictício Estrela Cadente que recebe ao mesmo tempo o nome cristão de um guerreiro convertido que realmente existiu

¹⁵ Para aprofundar a relação entre essa problemática e a análise de H.D. com Freud, veja HELT 2012

¹⁶ A expressão pode (deve, talvez) ser tomada no sentido do ensaio de Marcel Mauss. Vj. MAUSS 1973, secção 2 do capítulo I (“O espírito da coisa dada”).

¹⁷ Isso poderia ser demonstrado a partir de uma análise de “The Flowering Of the Rod”, terceira parte de *Trilogy*, o grande poema composto por H.D. ao mesmo tempo que escrevia *The Gift*.

¹⁸ O termo, de Gérard Genette, designa um processo narrativo no qual o leitor percebe o que percebe a personagem, mesmo que a narrativa seja, como aqui, na terceira pessoa.